

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERMANÊNCIA DE FORMAS CLÁSSICAS EM IGREJAS PALEOCRISTÃS

*Regina Helena Rezende**

RESUMO: Este artigo procura mostrar de que maneira formas arquitetônicas clássicas – gregas e romanas – permanecem nas primeiras igrejas cristãs construídas na região da Palestina entre os séculos IV e VI d.C. Nos embasamos na idéia de que a arquitetura configura uma forma de comunicação não-verbal, uma linguagem possível de ser decodificada. Discutiremos aqui questões relacionadas à permanência ou mudança desses edifícios na longa duração, abordando os aspectos formais e também os ideológicos que as encerram.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, igrejas paleocristãs, basílica, Período Bizantino, longa duração.

CONSIDERATIONS REGARDING THE PRESERVATION OF CLASSICAL FORMS IN THE FIRST CHURCHES

ABSTRACT: This paper presents how the classical architectural forms – Greek-roman forms – are preserved in early Christian churches built in the Palestinian area between the fourth and the sixth centuries AD. We follow the concept that architecture defines a non-verbal communication form, a language possible to be decoded. Will be discussed questions regarding long-term preservation or change of this buildings in a historical structure evaluating their formal and ideological aspects.

KEYWORDS: architecture, early Christian churches, basílica, Byzantine Period, long-term historical structures.

Apresentamos aqui de forma bastante sucinta como algumas formas arquitetônicas identificadas em edifícios gregos e romanos continuaram presentes nas igrejas cristãs. As considerações que mostramos a seguir são baseadas em uma pesquisa maior que foi desenvolvida sobre esse assunto e resultou em nossa dissertação de mestrado, intitulada “Formas Arquitetônicas Clássicas em Edifícios Religiosos do Período Bizantino”¹.

Nossa pesquisa concentrou-se nas igrejas edificadas em um momento inicial de estabelecimento do cristianismo como uma religião adotada pelos imperadores romanos, que

* Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. Labeca – Laboratório de estudos sobre a cidade antiga. Pesquisa apoiada pela CAPES. reginah@usp.br

¹ Esta dissertação está disponível na biblioteca digital de teses e dissertações, no link: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-09052007-122147/>.

começou com o Imperador Constantino na primeira metade do século IV d.C. e durou até o final do século VI d.C., época conhecida como Período Bizantino. A região da Palestina foi escolhida como foco central do levantamento em função de sua importância como centro de culto cristão desde os primeiros tempos em que essa religião foi organizada. Essas igrejas, os primeiros edifícios destinados ao uso como culto cristão, são chamadas de igrejas proto ou paleocristãs.

O levantamento dos vestígios materiais das igrejas paleocristãs que pretendíamos analisar foi realizado a partir de duas obras de referência. A primeira delas, editada por E. Stern (1993) – *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* - é um compêndio das escavações que foram empreendidas na região da Palestina até o final da década de 80 do século XX. A outra obra, *Ancient Churches Revealed*, editada por Tsafirir (1993), traz estudos mais detalhados de algumas igrejas que foram escavadas nessa mesma região.

Dentro do recorte temporal e geográfico estabelecido encontramos registros de 101 igrejas. Desse total, mais de 90% possui uma planta específica, conhecida como basílica (fig. 1). Os outros tipos de planta identificados nesta pesquisa foram: circular, cruciforme, octogonal e samaritana, porém, dessas formas, a ocorrência não foi maior do que 3 igrejas de cada tipo no total da amostragem. Assim, em função da grande quantidade de basílicas encontradas foi nesse tipo de igrejas paleocristãs que concentramos nossas análises.

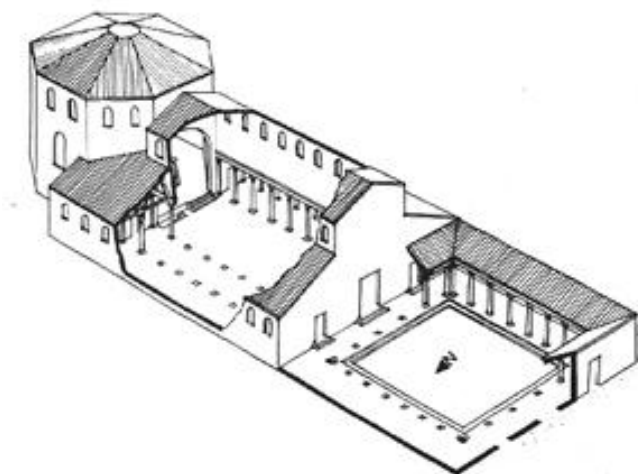


Fig. 1: Reconstituição isométrica da Igreja da Natividade, em Belém, no séc. IV d.C.

Fonte: TSAFRIR, Y. *Ancient Churches Revealed*, p. 7.

Entende-se que a igreja é do tipo basílica quando ela possui uma estrutura longilínea, dividida usualmente em três partes em forma de corredores: a nave central e as naves laterais (fig. 2). O acesso a esse tipo de igreja se faz por um dos lados curtos, e a extremidade oposta

termina em uma ou mais ábsides². Usualmente em uma igreja as ábsides estão localizadas a leste, enquanto as portas de entrada ficam a oeste.

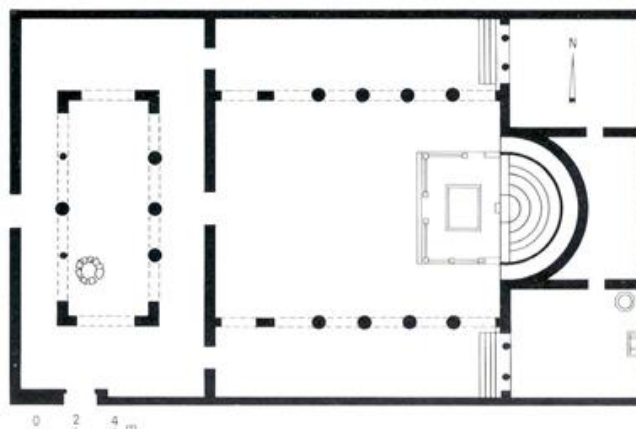


Fig. 2: Exemplo de basílica cristã: planta da igreja de Ostrakine, séc. V d. C.

Fonte: STERN, E. (ed.) *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*, vol. III, p. 1172 .

Como a basílica se apresentou como a forma mais recorrente nas igrejas que estudamos, buscamos verificar se a ela configurava um tipo de arquitetura totalmente inovador ou se era possível identificar em culturas mais antigas alguma estrutura construída que remetesse à basílica cristã.

Recuando um pouco na linha do tempo e voltando ao mundo romano anterior à essa fase que chamamos de Período Bizantino, nos deparamos com um tipo de edifício que também é chamado de basílica, mas que tinha uma utilização bem diversa daquela das basílicas cristãs, que, como já foi mencionado, tinham a finalidade específica de culto religioso.

Observamos a primeira ocorrência de um tipo de edifício chamado basílica durante o Império Romano. A basílica, neste caso é um edifício ligado ao *forum* romano (fig. 3), definida por Robertson (1997, 316) como “um salão coberto, via de regra retangular ou absidal, freqüentemente provido de colunatas internas, destinado a finalidades bastante próximas àquelas do *forum* (ao qual normalmente é contíguo), a saber, o intercurso geral, social e comercial, bem como a audição de processos jurídicos; para esta última finalidade existe, usualmente, uma estrutura especial, a tribuna, colocada em uma das extremidades, a ser ocupada pelo magistrado

² Ábside é uma construção abobadada de planta semi-circular ou poligonal. Nas igrejas cristãs a ábside corresponde à parte posterior do edifício, e é usada como assento do clero, coro ou altar-mor, significando, simbolicamente, o paraíso. No templo grego é a parte que se localiza a leste, onde fica a estátua de culto e a entrada. Nas basílicas romanas era na ábside que ficavam o pretor e os magistrados durante as sessões públicas e julgamentos. É uma palavra que tem origem no termo grego *apsís*.

dirigente. Comparada ao *forum*, tem a desvantagem de ser menos espaçosa e a vantagem de estar protegida do vento e da chuva.”

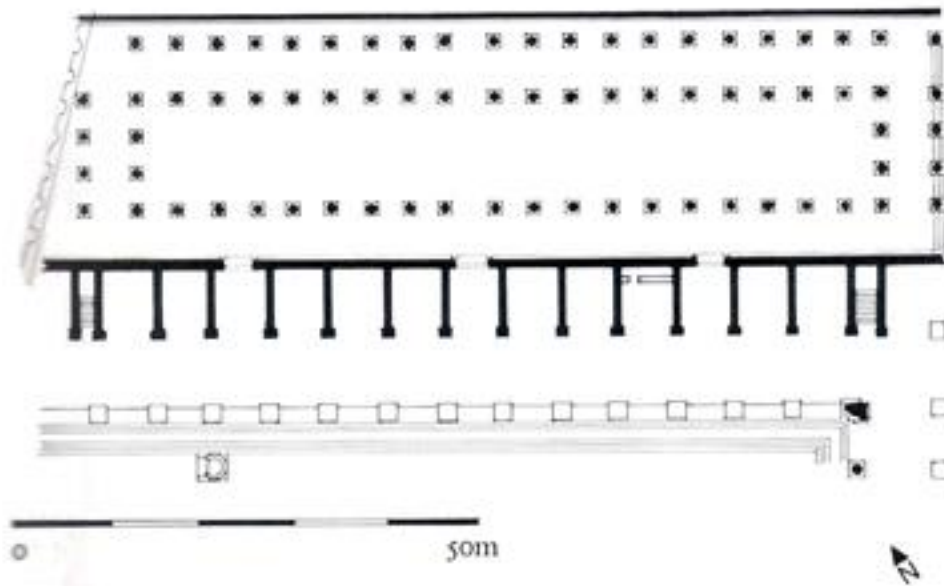


Fig. 3: Um exemplo de basílica romana: planta da Basílica Aemilia, em Roma, séc. I a.C.

Fonte: WARD-PERKINS, J. B. *Roman Imperial Architecture*, p. 35.

Para os romanos, a basílica era um edifício usualmente estabelecido como um anexo do *forum*, um edifício protegido que pode abrigar as atividades que têm lugar nesse espaço (Vitrúvio 1999, 121). O *forum* romano tinha uma configuração espacial simétrica, de forma quadrada ou retangular, era rodeado de pórticos em três dos seus lados e no quarto lado se posicionava uma basílica (Wheeler 1995, 112-115). Seu impressionante espaço interior fez com que esse edifício fosse usado também como um ambiente de atividade ritual, com a veneração da família imperial (Carter 1995, 41).

Se recuarmos no tempo e nos detivermos em períodos anteriores ao estabelecimento do Império Romano, não encontramos mais nenhum edifício com o nome de basílica, mas podemos identificar na configuração em planta dos templos gregos algumas semelhanças com as basílicas cristãs. Além das semelhanças formais, há uma semelhança na finalidade da igreja cristã de época bizantina e do templo grego: ambos são edifícios destinados ao culto religioso. Além disso, tanto nas igrejas quanto nos templos encontramos exemplos de estruturas monumentais, que se constituem marcos de referência na paisagem onde se estabelecem.

Nas colônias gregas do Ocidente encontramos alguns exemplos de templos que posteriormente tiveram o seu espaço adaptado e foram usados como igrejas cristãs. Este é o caso do Atenaion de Siracusa, que no século VII d.C. teve sua estrutura aproveitada para abrigar uma igreja cristã, e permanece até os dias de hoje como uma igreja: a Catedral de Siracusa (Coarelli 1988, 233-234).

No processo de ajuste do templo para seu uso como igreja o edifício central foi transformado em nave central, e nas suas paredes laterais foram feitas aberturas em forma de arco, dando acesso ao corredor entre essas paredes e a colunada, cujo intercolúnio foi fechado. Esse espaço se transformou nas naves laterais da Catedral (figs. 4 e 5). Para unificar o espaço interno na nave central, as antigas divisões do templo entre a cela, o *pronaos*³ e o *opistódomo*⁴ foram demolidas. Além disso, sua orientação foi modificada, pela necessidade de se voltar para a direção leste o altar da igreja, que ocupa o lugar da fachada do templo.



Fig. 4: Fachada lateral da Catedral de Siracusa.

Foto: Wagner Souza e Silva. Acervo Labeca. Maio 2007.

³ O *pronaos* no templo grego é o pórtico, o ambiente que se atravessa para acessar a nave (*naos*).

⁴ O *opistódomo* é o pórtico localizado atrás da cela nos templos gregos, que muitas vezes serve como entrada dos fundos.



Fig. 5: Vista do interior da Catedral de Siracusa.

Fonte: CERCHAI, L.; JANELLI, L. e LONGO, F. *The Greek cities of Magna Graecia and Sicily*, p.208.

O Atenaion de Siracusa nos traz um exemplo da permanência de uma forma arquitetônica para um uso específico – o culto religioso. Podemos entender as mudanças formais que foram identificadas nesse espaço como alterações necessárias para ajustar o antigo templo a um culto diferente do que anteriormente era realizado nesse mesmo espaço. O que percebemos ao observar o como o edifício foi reestruturado para uso como igreja cristã é que a mudança do culto não exigiu mudanças drásticas em sua forma.

Procuramos mostrar de forma bastante sucinta, a partir do estudo de poucos exemplos apresentados nesse artigo que a forma arquitetônica da basílica cristã, além de estar claramente relacionada à basílica romana, também já estava delineada nos templos gregos.

Entendemos que a arquitetura possui uma linguagem própria, muitas vezes difícil de ser representada por palavras. Ela estabelece uma forma de comunicação não-verbal com os indivíduos que a utilizam e é por meio dessa linguagem que a arquitetura dá as pistas sobre como agir em determinado espaço (Rapoport 1982, 65-67). A partir dessa postura teórica entendemos a permanência da forma da basílica romana nas igrejas cristãs, uma forma já conhecida e que

manifesta a presença do poder imperial, como uma estrutura que encerra um código de comportamento conhecido por todos aqueles que viveram dentro dos limites do Império Romano.

Apesar de toda a mudança – cultural, política, social e religiosa – que ocorre na região do Mar Mediterrâneo desde o Período Arcaico, por volta do séculos VIII e VII a.C. até o Período Bizantino, que se inicia no século IV d.C., a forma do templo grego, em linhas gerais, permanece nas igrejas paleocristãs. Nos aprofundaremos nessa questão da permanência, e para isso retomaremos a forma mais antiga: o templo grego. Como já foi mencionado, entre o templo grego e a igreja cristã existe a permanência do uso do edifício para culto religioso, e isso exigiu poucas mudanças formais. No mundo grego de época arcaica o templo é o edifício que recebe em primeiro lugar a monumentalização e a religião se configura nessa realidade como um aspecto de integração entre as diferentes comunidades. Devido ao seu caráter monumental, o templo é a forma arquitetônica onde se manifesta o poder da pólis, tanto internamente, para os seus cidadãos, quanto externamente, frente às outras *poleis*. No caso grego o culto religioso é realizado do lado de fora do templo, no altar, onde todos os habitantes da pólis têm acesso ao ritual.

No período do Império Romano, por sua vez, identificamos a forma de basílica em um edifício civil. Autores como Vitruvius (1999), Carter (1995), Robertson (1997) Ward-Perkins (1981), Wheeler (1995) e Zanker (2000) destacam o caráter multifuncional da basílica romana, que abrigava diversas atividades em seu interior. A basílica era o espaço onde se concretizava a identidade política e jurídica da cidade, e era também o lugar onde aconteciam cerimônias religiosas, rituais e posteriormente, a veneração da família imperial.

A basílica cristã, que toma forma durante o Período Bizantino, tem como finalidade abrigar o ritual religioso cristão. Ela é configurada como um espaço que propicia a reunião da assembléia em seu interior, mas para que o culto se realize é necessária a presença do sacerdote, que é o indivíduo apto a estabelecer o contato dos cristãos com o seu Deus. É importante notar que quando o imperador Constantino se converteu e oficializou o cristianismo como a religião do Império Romano, a figura do imperador romano passou a ser na terra o representante de um soberano que está no céu – o Deus dos cristãos. Com isso as questões políticas e religiosas passam a estar relacionadas e a forma como o espaço das igrejas se configura não faz nada mais do que evidenciar essa relação entre o poder imperial e a religião.

Entre o templo grego e a basílica cristã, o uso como local de culto religioso permanece, o que não ocorre no caso das basílicas romanas, que são edifícios cívicos, mas cuja forma em planta é incorporada pelas igrejas. Vemos aqui que a forma de basílica é uma estrutura de longa duração, que se mantém através dos séculos e passa por diversas culturas, mas por trás da permanência da forma há um fio condutor – o poder, que pode ser identificado como o elemento articulador dessa forma nos três momentos apresentados: a Grécia Clássica, o Império Romano e o Período Bizantino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- CARTER, J. Civic and other buildings in BARTON, I. (ed.) *Roman Public Buildings*. Exeter: University of Exeter Press, 1995, cap. 2, pp. 31-65.
- CERCHAI, L.; JANELLI, L. e LONGO, F. *The Greek cities of Magna Graecia and Sicily*, Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2004.
- COARELLI, F e TORELLI, M. *Guide archeologiche Laterza: Sicilia*. 2. ed. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1988.
- RAPOPORT, A. *The meaning of built environment – a non-verbal communication approach*. University of Arizona Press, 1982.
- ROBERTSON, D. S. *Arquitetura grega e romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- STERN, E. (ed.) *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993.
- TSAFRIR, Y. *Ancient Churches Revealed*, Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993.
- VITRÚVIO, *Da Arquitetura*. Tradução de Marco Aurélio Lagonegro, São Paulo: Editora Hucitec – FUPAM, 1999.
- WARD-PERKINS, J. B. *Roman Imperial Architecture*, 2. ed. New Heaven; London: Yale University Press, 1981.
- WHEELER, M. *El Arte y la Arquitectura de Roma*. Barcelona: Ediciones Destino, 1995.
- ZANKER, P. The city as a symbol: Rome and the creation of an urban image. *JRA* supl. 38, 2000, pp. 25-41.

Recebido em 30/10/2008.

Aprovado em 05/12/2009.